26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

CEMITÉRIO DA SOLEDADE: PATRIMÔNIO E MEMÓRIA EM PERSPECTIVA IMAGÉTICA

SOLEDADE CEMETERY: *HERITAGE AND MEMORY FROM AN IMAGETIC PERSPECTIVE*

Geovanna Figueiredo dos Santos – Universidade Federal do Pará /(UFPA)
João Paulo Ferreira Castro – Universidade Federal do Pará /(UFPA)
Ruan Denner Gomes de Castro – Universidade Federal do Pará /(UFPA)
Iane Maria da Silva Batista – Universidade Federal do Pará /(UFPA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Inaugurado em 1850, o Parque Cemitério Soledade preserva referências históricas, arquitetônicas, religiosas e simbólicas relacionadas à memória da cidade de Belém. Este estudo visa compreender de que modo as transformações decorrentes do processo de restauração e requalificação do espaço podem ser evidenciadas por registros fotográficos e relacionadas à sua valorização patrimonial e às formas de apropriação social. O objetivo é analisar comparativamente fotografias produzidas durante atividade extraclasse realizada por estudantes do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Pará, em 2018, e registros produzidos em 2026, após as intervenções realizadas no local. A pesquisa caracteriza-se como exploratória descritiva, de abordagem qualitativa, utilizando pesquisa bibliográfica, análise documental e análise comparativa de imagens fotográficas. Os resultados evidenciam mudanças nas condições de conservação dos monumentos e espaços analisados, bem como permanências relacionadas às práticas devocionais e aos usos simbólicos do cemitério. A análise demonstra, ainda, a relevância da fotografia como registro das transformações patrimoniais ocorridas ao longo do tempo, contribuindo para as discussões sobre memória e patrimônio no campo da Ciência da Informação.
Palavras-chave: memória social; fotografia; lugar de memória; Parque Cemitério da Soledade.

Abstract: Inaugurated in 1850, Soledade Cemetery Park preserves historical, architectural, religious, and symbolic elements linked to the memory of the city of Belém. This study addresses the challenge of understanding how transformations resulting from the site's

restoration and revitalization process can be evidenced through photographic records and linked to its heritage value and forms of social appropriation. The objective is to conduct a comparative analysis of photographs taken during an extracurricular activity by Archival Science students from the Federal University of Pará in 2018 and records produced in 2026, following interventions at the site. The research is characterized as exploratory-descriptive with a qualitative approach, employing bibliographic research, document analysis, and comparative analysis of photographic images. The results highlight changes in the conservation status of the analyzed monuments and spaces, as well as continuities regarding devotional practices and the symbolic uses of the cemetery. Furthermore, the analysis demonstrates the relevance of photography as a record of heritage transformations over time, contributing to discussions on memory and heritage within the field of Information Science.
Keywords: social memory; photografy; place of memory; Parque Cemitério da Soledade.

1 INTRODUÇÃO

O Parque Cemitério da Soledade, localizado na cidade de Belém do Pará, é o cemitério público mais antigo da capital paraense. Inaugurado em 1850, o espaço surgiu em um contexto de transformações sociais, urbanas e sanitárias ocorridas na cidade ao longo do século XIX e, no decorrer de sua história, representou diferentes significados históricos, patrimoniais, religiosos e simbólicos para a população local. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1964, o cemitério constitui importante referência do patrimônio funerário paraense e pode ser compreendido como um lugar de memória, na medida em que concentra vestígios materiais da época de sua construção e práticas sociais que remetem à referências coletivas sobre o passado. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Nora (1993), para quem os lugares de memória se constituem em dimensões materiais, simbólicas e funcionais.

Como parte da ementa da disciplina Memória, Cultura e Patrimônio, do curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal do Pará, foi realizada, no ano de 2018, uma visita guiada ao então Cemitério da Soledade. Durante as atividades, além da apresentação do espaço e das peculiaridades presentes nos principais setores do cemitério, os alunos realizaram uma série de registros fotográficos destinados à elaboração do relatório avaliativo da disciplina. As imagens documentaram diferentes áreas do cemitério em um período marcado por problemas de conservação, deterioração de monumentos e diversas limitações na manutenção do espaço.

A partir de 2021, o complexo arquitetônico passou por processo de restauração e requalificação, alterando significativamente suas condições de conservação, visitação e uso.

O contraste entre os registros fotográficos produzidos antes dessas intervenções e o estado atual do espaço possibilita observar não apenas modificações materiais, mas também aspectos relacionados às práticas devocionais, aos elementos simbólicos e às formas de apropriação do cemitério. Nesse sentido, a fotografia é compreendida neste estudo não apenas como recurso ilustrativo, mas como documento capaz de registrar e tornar comparáveis diferentes temporalidades de um mesmo espaço patrimonial, suas transformações e continuidades.

Diante desse contexto, questiona-se: de que maneira as transformações decorrentes do processo de restauração e requalificação do Parque Cemitério Soledade podem ser evidenciadas por meio da comparação de registros fotográficos produzidos em diferentes momentos? Oito anos após a visita de campo realizada pelos estudantes de Arquivologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), o objetivo deste trabalho é analisar comparativamente as transformações ocorridas no Parque Cemitério Soledade a partir de registros fotográficos produzidos em 2018 e 2026, considerando aspectos patrimoniais, simbólicos e devocionais. A análise articula as discussões sobre memória coletiva, lugares de memória, patrimônio funerário e fotografia como documento, buscando contribuir para o debate sobre memória e patrimônio no campo da Ciência da Informação e no contexto amazônico.

2 MEMÓRIA SOCIAL, MEMÓRIA COLETIVA E LUGARES DE MEMÓRIA

Nos estudos sobre memória social, as identidades coletivas são compreendidas como construções sociais produzidas por meio de experiências, narrativas, práticas culturais e mecanismos de preservação e circulação de informações (Gondar; Dodebei, 2005). Nesse processo, determinados espaços passam a concentrar significados coletivos capazes de preservar vestígios do passado e fortalecer os vínculos entre memória, pertencimento e identidade cultural.

Dialogando com as teorias referentes nos estudos relacionados à memória social, apresentamos o conceito de memória coletiva, desenvolvido por Maurice Halbwachs (2006) , compreendido como o conjunto de memórias construídas e compartilhadas por grupos e comunidades sociais através da interação de indivíduos que a compõem. Ressalta-se que, segundo Tavares e Loureiro (2017) os conceitos de memória social e memória coletiva possuem derivações distintas que representam um mesmo fenômeno, neste caso, os estudos relacionados à “memória”.

A considerar que a memória não se limita à dimensão individual, mas forma-se socialmente por meio das relações estabelecidas entre sujeitos, grupos e espaços, depreende-se que a discussão acerca da memória coletiva e lugares de memória permite compreender os cemitérios históricos para além de sua função funerária, reconhecendo-os como espaços de construção de narrativas e identidades sociais, perspectiva adotada neste artigo.

Para Halbwachs (2006), a memória é construída socialmente por meio das vivências compartilhadas pelos grupos sociais. O autor defende que as lembranças individuais são constantemente influenciadas pelos contextos sociais, culturais e coletivos nos quais os sujeitos estão inseridos. Dessa forma, a memória coletiva ultrapassa a dimensão individual e passa a integrar processos de pertencimento, identidade e continuidade social.

Nesse sentido, Von Simson (2005, p. 1) explica que a memória coletiva é:

> Aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de lugares de memória que são monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.

De acordo com Pierre Nora (1993, p.3), “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. A partir dessa perspectiva, os lugares de memória surgem como espaços materiais, simbólicos e funcionais nos quais a memória coletiva se ancora e se preserva diante das transformações sociais e do risco constante do esquecimento.

A memória coletiva relaciona-se diretamente aos processos de preservação do patrimônio cultural, especialmente em espaços capazes de materializar experiências sociais e referências simbólicas de uma comunidade. Nesse sentido, o Parque Cemitério da Soledade configura-se como um importante lugar de memória da cidade de Belém, reunindo monumentos, simbologias, práticas devocionais e manifestações culturais que preservam parte da memória coletiva belenense.

2.1 CEMITÉRIO DA SOLEDADE: HISTÓRIA, LEGADO E LOCAL DE MEMÓRIA PARA A CIDADE DE BELÉM

A criação do Cemitério da Soledade ocorreu no contexto social, político e sanitário de Belém da primeira metade do século XIX. Naquele período, os sepultamentos eram realizados principalmente em igrejas, espaços eclesiásticos e pequenos campos-santos, prática

progressivamente questionada diante das preocupações sanitárias intensificadas pelas epidemias que atingiram a cidade (Rodrigues, 2014; Silva, 2005).

Inaugurado em 1850, o cemitério passou a integrar as transformações urbanas da capital paraense. A arquitetura funerária presente no espaço expressa aspectos da organização social do período, especialmente por meio da monumentalidade, da localização e da ornamentação dos jazigos. Durante o ciclo da borracha e as transformações associadas à *Belle Époque,* famílias abastadas investiram em monumentos funerários elaborados, a partir de matérias primas importadas, materializando distinções sociais que ainda podem ser observadas na configuração espacial do cemitério (Rodrigues; Silva; Santos, 2023).

Desativado para novos sepultamentos em 1880, após receber cerca de 30 mil enterramentos, o Soledade atravessou diferentes processos de uso, abandono e valorização patrimonial ao longo do século XX (Rodrigues, 2014). Em 23 de janeiro de 1964, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), medida importante para assegurar sua proteção como conjunto paisagístico e contribuir para sua preservação diante do processo de degradação que atingia o espaço.

A trajetória do Soledade demonstra, portanto, a transformação de um espaço originalmente destinado ao sepultamento em uma referência patrimonial, religiosa e cultural da cidade. Seus monumentos, túmulos e práticas devocionais constituem vestígios por meio dos quais diferentes experiências sociais se articulam, aproximando o cemitério da concepção de lugar de memória apresentada anteriormente.

2.2 PATRIMÔNIO FUNERÁRIO, FOTOGRAFIA E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Os cemitérios históricos podem ser compreendidos como espaços de preservação patrimonial e memória coletiva. Além de sua função funerária, preservam vestígios das práticas culturais, relações sociais e diferentes formas de representação da morte construídas historicamente. Conforme Castro (2008), o patrimônio funerário abrange elementos materiais e imateriais presentes em locais de sepultamento. Desse modo, túmulos, esculturas, inscrições, práticas religiosas e demais elementos associados ao espaço cemiterial constituem referências capazes de informar sobre diferentes aspectos das sociedades que os produziram.

Segundo Nogueira (2013), os cemitérios urbanos também expressam distinções sociais por meio da monumentalidade, da localização e dos elementos artísticos presentes nos

túmulos. No Cemitério da Soledade, essas distinções podem ser observadas tanto na disposição espacial quanto nas características arquitetônicas de determinados monumentos funerários, constituindo vestígios materiais da sociedade belenense oitocentista.

No campo da Ciência da Informação, Ferreira (2023) propõe compreender o cemitério como um grande documento a céu aberto, constituído por diferentes artefatos capazes de assumir potencial informativo a partir dos sentidos que lhes são atribuídos socialmente. Túmulos, monumentos, inscrições, elementos arquitetônicos e demais vestígios presentes nesses espaços podem ser considerados documentos e fontes de informação, uma vez que materializam aspectos históricos, sociais, culturais e simbólicos dos grupos sociais que os idealizaram. Dessa maneira, os cemitérios também se aproximam dos estudos da memória e do patrimônio na Ciência da informação, pois seus bens e monumentos constituem registros materiais e simbólicos por meio dos quais diferentes representações do passado podem ser construídas, socializadas e ressignificadas.

Em outra vertente, Bezerra e Bezerra (2013)[1] demonstram o potencial informacional dos arquivos de cemitérios, destacando os registros de óbito como fontes para pesquisas históricas e para a compreensão de aspectos sociais e de saúde de uma população. Tendo como campo empírico a epidemia de cólera ocorrida no Pará em 1855, a partir dos registros dos sepultamentos realizados no Soledade, a antropóloga Jane Beltrão (2004, p. 264) concluiu que a morte "[...] anunciava as desigualdades, tinha endereço e, sobretudo, cor".

Processos de abandono e marginalização podem comprometer a conservação nos espaços cemiteriais e dos elementos neles preservados. Segundo Choay (2006), a conservação e a restauração constituem ações fundamentais à valorização patrimonial, permitindo a continuidade dos bens culturais diante das transformações históricas. As intervenções realizadas no Cemitério da Soledade podem ser analisadas nesse contexto, considerando as modificações observadas em seus monumentos, espaços de devoção e estruturas arquitetônicas.

A possibilidade de comparar essas modificações decorre, neste estudo, da utilização da fotografia como documento. Le Goff (2003, p. 460) aponta a fotografia como uma das mais relevantes manifestações da memória coletiva surgidas ao longo da história pois "[...]

[1] Embora o objeto desses autores sejam os documentos produzidos no contexto cemiterial, o estudo reforça a diversidade de fontes e informações relacionadas aos cemitérios e suas possibilidades de pesquisa.

revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica." Perspectiva semelhante é adotada por Felizardo e Samain (2007, p. 212), ao questionarem se a fotografia não seria "[...] também uma nova forma, talvez uma forma moderna, rápida, precisa de perpetuar a memória, de 'resgatar' a lembrança?". Esses autores argumentam que ela "[...] quiçá seja um dos melhores suportes, pois é uma imagem e, no processo de rememoração, da lembrança, da memória propriamente dita, nós nos valemos das imagens das coisas".

A fotografia constitui, portanto, importante instrumento de preservação da memória e da documentação das transformações ocorridas nos espaços patrimoniais. Adota-se, assim, a perspectiva analítica de Simonian (2007, p. 7), segundo a qual [...] o uso de imagens nos registros do conhecimento contribui significativamente no sentido de identificar, analisar e entender o imaginário, as sensações e mesmo as realidades materiais".

Sob a ótica de Lacerda (2012), a fotografia em ambientes de arquivo e memória ultrapassa a função ilustrativa, configurando-se como um documento capaz de testemunhar dinâmicas espaciais e sociais ao longo do tempo, como demonstrar-se-á ao longo deste artigo em relação ao Cemitério da Soledade.

Ferreira (2023, p. 87) destaca a importância dos registros fotográficos de bens patrimoniais a partir do conceito de "traços informacionais", ou seja, "informações que servem como suporte ou representação material de uma memória". Por meio dessa perspectiva, o autor afirma que, a partir dos dados registrados, é possível analisar os bens culturais materiais e imateriais de forma concreta, considerando a memória inscrita no suporte informacional, nesse caso a fotografia.

2.3 DEVOÇÃO, SIMBOLOGIA FUNERÁRIA E APROPRIAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO

Além dos aspectos arquitetônicos e patrimoniais, os cemitérios históricos também abrigam práticas sociais e religiosas que atribuem novos sentidos aos espaços originalmente destinados ao sepultamento. No Cemitério da Soledade, uma das manifestações mais marcantes é o chamado "Culto das Almas", tradicionalmente realizado às segundas-feiras e caracterizado pela devoção popular a túmulos de pessoas às quais são atribuídos milagres, graças e intercessões espirituais. Entre os túmulos mais procurados pelos frequentadores do local, destacam-se os de Preta Domingas, Escrava Anastácia, Menino Zezinho e Raimunda

Picanço (Rodrigues, 2014), considerados santos populares[2] em razão das narrativas de milagres e intercessões espirituais associadas às suas memórias.

Com o alcance dos pedidos, os devotos depositam nesses locais objetos relacionados às graças alcançadas, conhecidos como ex-votos. Nesses espaços, é comum a presença de velas, flores, placas de agradecimentos e outros elementos deixados como forma de manifestação de fé e pagamento de promessas. Essas práticas evidenciam que a apropriação do espaço cemiterial não se encerra em sua função funerária original, incorporando usos religiosos e simbólicos construídos socialmente

Além das práticas devocionais, a presença de imagens sacras, anjos, cruzes, capelas e inscrições funerárias evidencia a permanência de manifestações simbólicas relacionadas à memória dos mortos e ao culto das almas. Elementos como a ampulheta alada, a tocha invertida, as urnas flamejantes, as flores esculpidas, além de figuras como cobras e leões[3], ultrapassam sua dimensão ornamental ao comunicar concepções relacionadas à morte, à religiosidade e às formas de homenagem aos mortos, contribuindo para a constituição do Soledade como espaço patrimonial e lugar de memória.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, voltada à análise comparativa do estado de conservação do Cemitério da Soledade nos anos de 2018 e 2026. Para isso, utilizaram-se os registros fotográficos produzidos durante visita de campo realizada em 2018 por estudantes do curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal do Pará, no âmbito da disciplina Memória, Cultura e Patrimônio, comparando-os com fotografias atuais obtidas em nova visita ao local.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, fundamentada no levantamento e análise de informações relacionadas à historiografia do Parque Cemitério da Soledade, à sua importância para a população

[2] Segundo Melero (2020), os santos populares geralmente estão associados a personagens marcados pelo sofrimento, morte trágica ou marginalização social, configurando formas de santidade popular que coexistem com os santos oficiais da Igreja Católica.

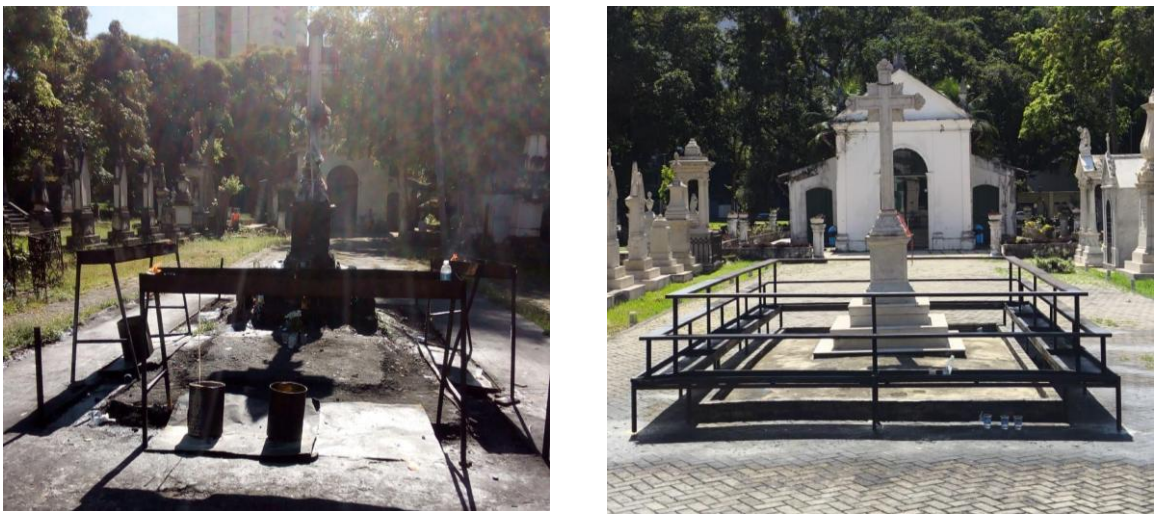
[3] A ampulheta alada simboliza a passagem do tempo e brevidade da vida; a tocha invertida representa a extinção da vida terrena; as urnas flamejantes relacionam-se à imortalidade da alma e à memória eterna; as flores esculpidas remetem ao luto, à efemeridade da existência e às homenagens aos mortos; a cobra de duas cabeças indica dois caminhos a seguir, o da vida e o da morte; e os leões estão associados a coragem e realeza (Pará, 2023).

belenense e à sua relevância enquanto lugar de memória e patrimônio cultural material. Além disso, o estudo configura-se como uma pesquisa *ex-post-facto* (depois do fato), que, segundo Gil (2002), busca verificar a existência de relações entre variáveis a partir de fenômenos já ocorridos, em momentos distintos e anteriores à realização da pesquisa, não sendo possível ao pesquisador exercer controle ou manipulação sobre as variáveis investigadas. Portanto, este trabalho se propõe a analisar as transformações ocorridas no espaço do Cemitério Parque da Soledade, tomando como objeto de estudo os efeitos decorrentes dos processos de restauração, requalificação e ressignificação do local.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise fundamenta-se na comparação dos registros fotográficos produzidos em 2018 e 2026, considerando aspectos relacionados às condições de conservação, às intervenções arquitetônicas e patrimoniais, aos elementos simbólicos e às práticas devocionais observadas nos espaços selecionados. As fotografias são compreendidas como documentos que registram diferentes momentos do Soledade, permitindo identificar transformações em sua materialidade e nas formas de uso do espaço. Essa perspectiva aproxima-se de Lacerda (2012), ao reconhecer a fotografia para além de sua função ilustrativa, e de Ferreira (2023), para quem os artefatos presentes nos cemitérios podem adquirir potencial documental e informativo.

Figura 1 - Cruzeiro do cemitério



Fonte: acervo dos autores (2018; 2026).

O cruzeiro central do Cemitério da Soledade (Figura 1) apresentava, durante a visita realizada em 2018, deterioração parcial da estrutura de mármore devido à constante deposição de velas em seu entorno. Em 2026, além da recuperação do monumento, observam-se estruturas específicas para essa prática, evidenciando uma tentativa de conciliar preservação patrimonial e uso devocional do espaço.

Figura 2 - Capela do cemitério



Fonte: acervo dos autores (2018; 2026).

Em 2018, a capela (Figura 2) apresentava sinais de deterioração tanto na área externa quanto no espaço interno. Com as intervenções de restauro, o edifício recuperou suas características arquitetônicas originais e passou a contar com um museu dedicado à história do cemitério e à sua importância para a memória da população belenense.

Figura 3 - Quadrante da Santa Casa de Misericórdia



Fonte: acervo dos autores (2018; 2026).

O Quadrante da Santa Casa de Misericórdia, único setor do cemitério que ainda conserva seu arco de entrada original, apresentava, em 2018, sinais de abandono, com mato alto, ferrugem no portão e no arco de ferro, além da deterioração parcial de uma das pilastras.

Figura 4 - Sepultura da escrava Romana/Anastácia



Fonte: acervo dos autores (2018; 2026).

O túmulo de Anastácia, um dos mais visitados, evidencia a permanência das práticas devocionais e das manifestações religiosas presentes no Cemitério da Soledade. A pluralidade de sentidos atribuídos à escravizada Anastácia[4] não é objeto deste artigo. Todavia, destaca-se que sua força simbólica e representatividade teriam chegado a Belém por meio de Romana, uma mulher negra escravizada enterrada na necrópole (Lima, Teixeira, 2025), gerando, assim, a devoção local àquela, persistindo até os dias atuais. Em 2018, o espaço apresentava sinais de deterioração e marcas provocadas pelo uso contínuo de velas e outros elementos associados às práticas de devoção popular.

[4] A esse respeito, recomenda-se a leitura de: PEREIRA, Edilson. Da escravidão à liberdade: a imagem de Anastácia entre arte contemporânea, política e religião. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 29, n. 67, e670410, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ha/a/8wRzHWvMJpQKfwj7MZrG4zz/?lang=pt. Acesso em 7 set. 2026.

Figura 5 - Túmulo do menino Zezinho



Fonte: fotografia à esquerda por Glenda Monteiro (2018); à direita, acervo dos autores (2026).

Os registros do túmulo do Menino Zezinho revelam a relação entre conservação e devoção popular, expressa pela presença de velas e objetos deixados pelos fiéis. Após a restauração, observa-se a recuperação do monumento sem a supressão de sua função devocional, evidenciando a articulação entre patrimônio material e apropriação simbólica do espaço.

Como as fotografias demonstram, após o processo de restauração e requalificação o cemitério[5] passou a apresentar melhores condições de preservação, mantendo-se como importante espaço de devoção e memória na cidade de Belém. Isto se reflete, inclusive, na segurança dos devotos, haja vista que não mais se observa a presença de mato alto, ambiente propício ao esconderijo e proliferação de insetos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre preservação, restauração e reorganização de espaços de memória têm ganhado crescente destaque no campo da Ciência da Informação. Nesse contexto, esse trabalho buscou, por meio de uma abordagem fotográfica comparativa, analisar as

[5]Atualmente, o Parque Cemitério da Soledade apresenta uma ampliação significativa em seus horários e condições de acesso ao público quando comparado ao período anterior à sua reforma. Antes das intervenções, a visitação ocorria exclusivamente às segundas-feiras e estava sujeita a restrições de acesso. No contexto atual, o espaço permanece aberto às quintas-feiras, das 9h às 14h, e às sextas-feiras, sábados e domingos, das 9h às 17h, com entrada gratuita e livre circulação dos visitantes durante os dias de funcionamento.

transformações ocorridas no Parque Cemitério Soledade a partir de registros produzidos em duas visitas realizadas com intervalo de oito anos.

Os registros fotográficos produzidos no Cemitério da Soledade permitiram documentar diferentes momentos da sua trajetória, evidenciando tanto os processos de abandono observados na visita de 2018, quanto as recentes ações de restauração e requalificação do atual Parque Cemitério da Soledade. A utilização da dimensão imagética como recurso documental no processo de construção do conhecimento implica em reconhecer suas possibilidades como instrumento de preservação da memória capaz de auxiliar na compreensão das transformações patrimoniais e espaciais.

Ademais, a salvaguarda da simbologia funerária e arquitetônica observada nos cinco pontos destacados nas imagens reforça a importância do Parque Cemitério da Soledade como patrimônio cultural e lugar de memória. Após a revitalização, o cemitério fortaleceu-se não apenas como espaço de preservação da memória coletiva, mas também como dispositivo de mediação patrimonial e cultural. A documentação fotográfica evidencia a transição de um espaço marcado pelo abandono para um patrimônio revitalizado capaz de assegurar a continuidade das práticas devocionais e manter vivos os vínculos de memória da sociedade belenense com sua própria história.

Esta pesquisa buscou analisar, de forma comparativa, fotografias que destacam o espaço do Cemitério Parque da Soledade em dois momentos distintos de sua história. A abordagem pressupõe a valorização dos aspectos patrimoniais, simbólicos e devocionais do local. Acredita-se que esse enfoque contribui com os estudos relacionados à temática de Memória Informacional presente no campo da Ciência da Informação, destacando a fotografia como instrumento de mediação informacional de monumentos arquitetônicos reconhecidos como lugares de memória e patrimônio material. Por fim, para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação de estudos voltados à preservação e à difusão de lugares de memória sob a perspectiva da Ciência da Informação, analisando os fluxos, a organização e a difusão da informação presentes nesses espaços.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Jane Felipe. Cólera e gentes de cores ou o acesso aos socorros públicos no século XIX. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 257-282, 2004. DOI: 10.1590/S0103-73312004000200005. Disponível em: https://www.scielosp.org/pdf/physis/2004.v14n2/257-282/pt. Acesso em: 7 maio 2026.

BEZERRA, Fabíola Maria Pereira; BEZERRA, José Fernando Pereira. Arquivo de cemitério: fonte viva de informação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: FEBAB, 2013. p. 3252-3266. Disponível em: https://anaiscbbd.emnuvens.com.br/cbbd2019/article/view/1494/1495. Acesso em: 25 out. 2026.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio**: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008). 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91822. Acesso em: 25 out. 2026.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP, 2006.

COSTA, Giseli Santana da; CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. Patrimônio funerário do Cemitério Histórico de Santo Amaro, no Recife: estado de conservação dos primeiros túmulos. **FUMDHAMentos**, São Raimundo Nonato, v. 12, p. 50-73, 2015. Disponível em: https://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2018/08/fumdham-fumdhamentos-xii-2015-_250388.pdf. Acesso em: 13 maio 2026.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007. DOI: 10.5433/1984-7939.2007v3n3p205. Disponível em: https://doi.org/10.5433/1984-7939.2007v3n3p205. Acesso em: 11 maio 2026.

FERREIRA, Isaac Roberto. **Silêncios da necrópole**: traços infomemoriais e patrimoniais do cemitério Nossa Senhora da Piedade em Maceió – Alagoas. 2023. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023. Disponível em: https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/11791. Acesso em: 25 out. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 283-302, jan./mar. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/3WdkxxJRfLj65nGbDgQPfnh/. Acesso em: 25 out. 2026.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

LIMA, Adriane; TEIXEIRA, Débora. Anastácia-Romana e Preta Domingas: saberes ancestrais de mulheres afro-amazônidas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 137, p. 25-48, set. 2025. Disponível em: https://journals.openedition.org/rccs/17095. Acesso em: 7 set. 2026.

MELERO, Taís Cristina. Morte, cemitérios e devoção: uma análise material do fenômeno dos santos populares em Bauru e Jaú (São Paulo – Brasil) a partir de imagens. **Revista de História da UEG**, Morrinhos, v. 10, n. 2, e022114, jul./dez. 2021. Disponível em: https://revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/11618. Acesso em: 13 maio 2026.

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12386. Acesso em: 7 maio 2026.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101. Acesso em: 7 maio 2026.

PARÁ. Secretaria de Estado de Cultura. **Parque Cemitério da Soledade**: a celebração da memória. Belém: SECULT, 2023. Cartilha. Disponível em: https://secult.pa.gov.br/midias/anexos/51_cartilha_parque_cemiterio_soledade.pdf. Acesso em: 13 maio 2026.

PEREIRA, Edilson. Da escravidão à liberdade: a imagem de Anastácia entre arte contemporânea, política e religião. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 29, n. 67, e670410, set./dez. 2023. DOI: 10.1590/1806-9983e670410. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ha/a/8wRzHWvMJpQKfwj7MZrG4zz/?lang=pt. Acesso em: 7 set. 2026.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves; SILVA, Leonardo de Souza; SANTOS, Diogo de Siqueira Bendelak dos. O desprezo pelo Estado nas perspectivas sobre o Cemitério da Soledade em Belém-PA: uma análise à luz da Antropologia das Emoções. **Equatorial**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Natal, v. 10, n. 18, p. 1-25, jan./jun. 2023. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/30384. Acesso em: 6 maio 2026.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Duas faces da morte**: o corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA. 2014. 425 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/AS%20DUAS%20FACES%20DA%20MORTE(1).pdf. Acesso em: 13 maio 2026.

SILVA, Erika Amorim da. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850/1891)**. 2005. 234 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13175. Acesso em: 7 maio 2026. ⚠ **título corrigido**

SIMONIAN, Ligia T. L. Uma relação que se amplia: fotografia e ciência sobre e na Amazônia. **Papers do NAEA**, Belém, n. 196, out. 2006. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/download/11479/7916. Acesso em: 25 out. 2026.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp. *In*: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000. p. 63-74.

TAVARES, Derek Warwick da Silva; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Dispositivos de informação: arquivos, memórias e informação. **Transinformação**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 73-80, jan./abr. 2017. DOI: 10.1590/2318-08892017000100007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2318-08892017000100007. Acesso em: 3 set. 2026.